

O Renascimento na Estratégia Americana e o Término da Grande Guerra Fria

Gordon S. Barrass, CMG (Companheiro da Ordem de St. Michael e St. George, Grã-Bretanha)



Departamento de Defesa, Sgt. F. Lee Corkran

Alemães orientais e ocidentais conversam junto à abertura recém-criada no Muro de Berlim, depois que um guindaste removeu uma seção da estrutura ao lado do Portão de Brandenburgo, 21 de dezembro de 1989.

QUANDO A BANDEIRA vermelha foi arriada no Kremlin, em 25 de dezembro de 1991, poucos estavam cientes da dimensão da contribuição feita pela Otan para o término da Guerra Fria. O 60º aniversário da Otan é um momento especialmente oportuno para olhar para trás e tentar entender o que realmente aconteceu. Graças ao material disponibilizado desde o fim da Guerra Fria — arquivos, memórias e entrevistas anteriormente sigilosos — pode-se

ver hoje com muito mais clareza o que a Otan e o Pacto de Varsóvia tentavam realizar.

Depois da Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, o espectro de uma guerra nuclear pairava sobre os adversários da Guerra Fria. Durante as duas últimas décadas do período, fizeram um enorme esforço para tentar assegurar que, caso uma guerra fosse deflagrada na Europa por qualquer motivo, ela não se tornasse nuclear. Essa nobre intenção desencadeou o maior renascimento do

Gordon Barrass, Companheiro da Ordem de São Miguel e São Jorge da Grã-Bretanha, integrou o Comitê Conjunto de Inteligência durante os últimos anos da Guerra Fria e foi chefe da equipe de análise de Inteligência (Assessments Staff) no Gabinete do Primeiro-Ministro em Londres. Trabalhou para o serviço diplomático britânico na área de

relações Leste-Oeste, viajando para a União Soviética e por todo o Leste-Europeu. Atualmente, é professor convidado na London School of Economics, onde trabalha com estratégia e as questões relacionadas de análise e Inteligência. Seu livro The Great Cold War: A Journey through the Hall of Mirrors acaba de ser publicado pela Stanford University Press.

pensamento militar no século XX. A inteligência de boa qualidade, nos dois sentidos da palavra, moldou a ação dos dois lados, e cada um deles, em geral, logo adotava as inovações do outro.

A rivalidade entre a Otan e o Pacto de Varsóvia não era apenas intensa e dramática, como também absorvia uma enorme quantidade de energia de seus comandantes militares e líderes políticos. Como comentou Diego Ruiz-Palmer, um dos observadores mais astutos dessa era: “Nenhuma outra guerra foi tão meticulosamente planejada e bem preparada e, no entanto, nunca travada.”¹ Essa, porém, não era simplesmente uma questão militar. Ambos os lados estavam envolvidos no que era, com efeito, uma luta psicológica pelo “domínio da Europa”. Não surpreende que as relações fossem, às vezes, extremamente tensas e que o risco fosse excepcionalmente alto.

Prevenindo uma Guerra Nuclear

Em diversos aspectos, a história começa em 1967, quando a Otan deixou claro que não só queria ver uma *détente* (relaxamento das tensões) na Europa, mas que também mudava de estratégia. Caso sofresse um ataque soviético convencional, ela não desencadearia imediatamente uma “retaliação maciça”, com armas nucleares táticas, mas executaria uma política de “resposta flexível”.² Isso acalmou os medos mais profundos de Moscou: que o início de qualquer conflito na Europa resultaria automaticamente no emprego de armas nucleares pela Otan, o que, por sua vez, era quase certo de desencadear uma guerra nuclear mundial.

Moscou indicou rapidamente que estava levando a nova estratégia da Otan a sério. Em seu exercício militar no Dnieper, em fevereiro de 1968, as forças soviéticas lutaram por uma semana antes de recorrer ao uso de armas nucleares — isso nunca tinha acontecido antes. Impedir que a Otan utilizasse seu arsenal de aproximadamente 7 mil armas nucleares apresentava um grande desafio para o Pacto de Varsóvia. Segundo a nova estratégia de “resposta flexível” da Otan, seus exércitos tentariam manter a linha de frente perto da fronteira interna alemã, enquanto seus aviões, que representavam metade do seu poder de fogo convencional, disparariam impiedosamente contra os agressores.

Durante os anos seguintes, enquanto os Estados Unidos se afundavam no Vietnã e a Otan se

encontrava em um estado lamentável, a União Soviética rapidamente aumentou o poder de fogo e mobilidade das forças do Pacto de Varsóvia na Europa Central. Ao mesmo tempo, as forças aéreas soviéticas nas áreas avançadas começaram a adquirir uma grande quantidade de aviões novos, sendo alguns projetados para fornecer apoio aproximado às tropas terrestres e outros para imobilizar os aviões da Otan em suas bases e destruir suas instalações de armazenamento nuclear e outras instalações militares. Em 1974, o marechal Viktor Kulikov, chefe do Estado-Maior, anunciou, satisfeito, que as forças soviéticas agora estavam “em dia com as exigências contemporâneas”.³

Naquele mesmo ano, depois do término da Guerra do Vietnã, teve início o renascimento no pensamento americano sobre a estratégia na Europa. James Schlesinger, o então recém-nomeado secretário de Defesa, resolveu revitalizar a aliança. Schlesinger trabalhou estreitamente com o general Alexander Haig, o novo comandante supremo aliado na Europa, e com Andrew Marshall, um dos pensadores mais sábios e criativos da empresa RAND, que ele havia levado para o Pentágono como chefe do novo Gabinete de Avaliação Precisa (*Office of Net Assessment*).

Marshall foi incumbido de propor sugestões criativas sobre como fortalecer a Otan e colocar os soviéticos na defensiva. Investiu fortemente na pesquisa por consultores e acadêmicos e pelos próprios militares. Em pouco tempo, Marshall

“Nenhuma outra guerra foi tão meticulosamente planejada e bem preparada e, no entanto, nunca travada”

—Diego Ruiz-Palmer

ajudava a converter novas ideias em uma ofensiva intelectual, que se concentrava em como a Otan poderia vencer com armas convencionais.

Dada a escala provável da ofensiva soviética, a Otan precisava vencer a primeira batalha. “Desde o início”, disse Marshall, “sabíamos que isso

exigiria novas armas, mas eu também acreditava firmemente que elas só poderiam ser eficazes se aliadas a uma nova doutrina, com base em um estudo cuidadoso sobre como as forças soviéticas lutariam”.⁴

“Começamos a examinar mais atentamente do que outros haviam feito anteriormente a forma como as forças soviéticas faziam as coisas e por

“...sabíamos que isso exigiria novas armas, mas... elas só poderiam ser eficazes se aliadas a uma nova doutrina...”

—Andrew Marshall

que as faziam daquela forma” explicou Marshall. “Não só monitoramos os exercícios, como também estudamos os manuais de treinamento e os modelos ou matrizes que o Estado-Maior utilizava para avaliar o equilíbrio de forças. Estava claro que os comandantes soviéticos receavam que, se os subordinados não fossem pressionados, haveria inércia. Os planos de batalha, portanto, tinham de ser desenvolvidos em torno da criação de massa e impulsão. Para facilitar isso, eles se basearam fortemente em procedimentos padronizados.”⁵ A Otan teria de explorar as fraquezas inerentes a essa abordagem controlada da guerra para vencer a batalha inicial.

O general David Jones, comandante da Força Aérea americana na Europa, logo percebeu que, naquele momento, precisaria concentrar-se em fragmentar as forças soviéticas perto da linha de frente, e não só os reforços que vinham da retaguarda. Para tanto, a Força Aérea precisaria trabalhar mais estreitamente com o Exército.

Em 1975, a Força Aérea abriu sua escola de treinamento “Red Flag” em Nevada. Com a ajuda de um piloto soviético que havia desertado com o interceptador soviético mais moderno e de israelenses que haviam lutado contra soviéticos e pilotos treinados por estes no Oriente Médio, uma mini-Força Aérea soviética foi estabelecida com aviões soviéticos capturados pelos israelenses.⁶

Poucos anos depois, o Exército contava com uma instituição semelhante no deserto

da Califórnia, onde uma “Divisão Vermelha”, equipada com réplicas e carros de combate soviéticos capturados, combatia como os russos. As unidades americanas que treinavam contra ela sempre perdiam. Ficavam aliviadas em saber que os Vermelhos venciam, em grande parte, porque haviam travado mais batalhas juntos do que qualquer outra equipe que os havia enfrentado. Da prática à perfeição.

O general William DePuy, que chefiava o Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA, aprofundou esse trabalho ao revolucionar ainda mais a tática e o treinamento em 1976, o que efetou a maior mudança na doutrina do Exército dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial. Em vez de enfrentar as forças soviéticas na Europa com uma defesa estática bem preparada, o Exército, dali em diante, executaria uma “defesa ativa”, o que significava que ele poderia contra-atacar com tropas terrestres bem além da sua própria linha de frente.⁷

Nessa época, alguns antigos oficiais alemães explicaram primeiro aos britânicos e, em seguida, aos americanos, que, durante a Segunda Guerra Mundial, eles haviam tratado toda a Frente Leste como um único teatro de operações militares.⁸ Essa foi a única região onde o seu Exército e a sua Força Aérea trabalharam juntos de forma estreita. Os britânicos e os americanos começaram a ponderar se a Otan poderia explorar essa ideia.

Uma Revolução em Questões Militares

Paralelamente a esse novo pensamento sobre como combater os russos, também ocorria uma revolução tecnológica em questões militares.

Um dos primeiros estudos pioneiros encomendados por Marshall foi *The Comparison of Soviet and U.S. Weapons* (“A Comparação entre Armas Soviéticas e Americanas”, em tradução livre). O estudo demonstrou que os novos equipamentos soviéticos eram tão bons ou melhores que aqueles que os americanos estavam produzindo, com exceção — e era uma grande exceção — do campo da eletrônica.⁹ A mensagem era clara: A Otan só poderia recuperar a vantagem se explorasse a tecnologia avançada.

Nessa época, em 1974, a Agência Nuclear de Defesa (*Defense Nuclear Agency — DNA*) e a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de



Última identidade do Exército do coronel Ryszard Kukliński.

Defesa (*Defense Advanced Research Projects Agency — DARPA*) patrocinaram um estudo que demonstrou que a revolução que ocorria na precisão de armas logo possibilitaria a utilização de substitutos convencionais no lugar de armas nucleares. Dentro de um ano, deu-se início ao trabalho em uma gama completamente nova de armas de busca de alvo pelo calor e de guiamento terminal, que, juntas, eram chamadas de “assault-breaker” (“quebra-ataques”). Instada por Marshall, a Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency — DIA*) começou a estudar como essas armas poderiam ser utilizadas para produzir o melhor efeito.¹⁰

Uma “revolução em questões militares” estava em curso, e Moscou sabia disso. Em 14 de dezembro de 1975, Yuri Andropov, chefe da KGB, alertou o Politburo soviético que essas novas armas poderiam aumentar drasticamente a capacidade da Otan de impedir qualquer ataque convencional pela União Soviética.¹¹

Isso criou um grave problema porque, no início dos anos 70, os líderes soviéticos haviam perdido a fé na utilidade das armas nucleares. Segundo Vitaly Tsygichko, um analista científico que trabalhava para o Ministério da Defesa, os principais generais soviéticos “entendiam e acreditavam que o uso de armas nucleares [táticas] por qualquer um dos lados seria desastroso”.¹² Em 1975, e provavelmente antes, o Estado-Maior soviético já havia recebido uma “instrução” da liderança que determinava que as forças soviéticas nunca deveriam ser as primeiras a utilizar armas nucleares. Havia agora uma

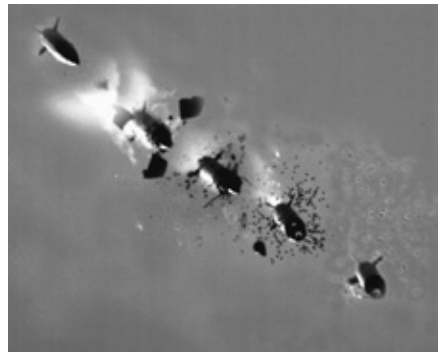
pressão ainda maior sobre as forças militares soviéticas para que fossem capazes de sobrepujar a Otan com forças convencionais antes que ela pudesse empregar armas nucleares.¹³

Resposta de Ogarkov

Moscou tinha uma surpresa guardada para a Otan. Em 1975, a União Soviética começou a testar seu novo míssil SS-20, que contava com três ogivas de reentrada múltipla independentemente direcionadas (*multiple independently targetable reentry vehicle — MIRV*). Segundo o general Andrian Danilevich, esse “era um grande avanço, diferente de tudo o que os americanos tinham. Nós nos tornamos imediatamente capazes de fazer toda a Europa refém”.¹⁴ Isso não era um exagero: o SS-20 podia atacar alvos em qualquer lugar da Europa a partir do interior do território soviético; cerca de 400 deles seriam distribuídos durante os anos seguintes.



Como as forças na Alemanha Oriental e Checoslováquia planejavam cercar as forças da Otan.



Uma das novas armas do tipo “assault-breaker” deixa sua marca.

Enquanto essa nova “cobertura” nuclear era implementada, o marechal Nikolai Ogarkov, o novo chefe do Estado-Maior, foi incumbido de desenvolver uma estratégia confiável para derrotar a Otan com forças convencionais apenas, o que poderia transformar o equilíbrio psicológico do poder na Europa, ao fazer os europeus ocidentais duvidarem que os Estados Unidos pudessem protegê-los.

O general Danilevich, provavelmente o estrategista soviético mais talentoso da era da Guerra Fria, realizou a maior parte do trabalho. Os resultados foram registrados mais tarde em uma “diretriz” ultrassecreta de três volumes sobre *A Estratégia de Operações Profundas (Mundial e de Teatro de Operações)*, que orientaria as operações militares soviéticas em tempos de guerra. A principal inovação era o conceito de travar uma batalha ar-terra integrada em uma área bem maior do que antes.

Alguns em Washington logo tomaram conhecimento dessa nova estratégia graças principalmente ao coronel Ryszard Kuklinski, um oficial polonês que trabalhava nos planos de guerra do Pacto de Varsóvia e agente da CIA. A escala da visão de Ogarkov espantou os que viram as informações de Kuklinski. Fez com que sentissem choque e pavor muito antes de o termo tornar-se corriqueiro.

O conceito central era uma ofensiva de alta velocidade lançada sob o disfarce de exercícios militares na Alemanha Oriental e Checoslováquia. Simultaneamente, 2 mil aviões atacariam todas as instalações de armas nucleares da Otan e buscariam imobilizar seus aviões durante 48 horas. Esta última tarefa vinha adquirindo importância porque se previa que os aviões da Otan em breve estariam transportando munição do

programa “assault breaker”, que seria muito mais eficaz que bombas convencionais contra as forças blindadas soviéticas. Enquanto isso, uma ofensiva maciça, envolvendo 2 milhões de soldados, teria início ao longo de uma frente que abrangia desde o norte da Noruega até o leste da Turquia.

Para suprimir a defesa da Otan, fortalecida com quase 50 mil mísseis dirigidos anticarro modernos, as forças soviéticas os sujeitariam a um bombardeio aéreo e de artilharia sem precedentes. O termo para ele em russo sugeria que seria de uma intensidade nuclear.

“Essa nova estratégia destinava-se a conferir à União Soviética mais alternativas do que a Otan”, observou mais tarde Phillip Petersen, um dos principais especialistas em estratégia soviética na Agência de Inteligência de Defesa. “Ogarkov”, disse ele, “sabia que muitos na Otan duvidavam que seus líderes políticos concordassem rapidamente com o uso de armas nucleares. Um objetivo principal, portanto, era travar a guerra de modo que detivesse a Otan de tomar a decisão de empregar armas nucleares até que fosse tarde demais para que elas fossem capazes de influenciar o resultado da guerra.”¹⁵

Testando a Estratégia de Ogarkov

Em setembro de 1981, nas planícies no oeste da União Soviética, o general Ogarkov deu à Otan uma mostra de sua nova estratégia no Zapad-81, provavelmente o maior exercício blindado soviético desde 1945. “Monitoramos esse exercício atentamente”, recordou Diego Ruiz-Palmer, que trabalhava com Andy Marshall na época. “Ogarkov”, observou, “mostrou que, durante os três anos anteriores, havia estudado cuidadosamente as formas como o programa

“assault breaker” dos americanos funcionaria e que medidas poderiam ser tomadas para minimizar seu impacto.”¹⁶

Um elemento importante na estratégia de Ogarkov eram os novos “grupos de manobra operacional” blindados ou OMGs (Operational Maneuver Groups), que se deslocavam com rapidez.¹⁷ A artilharia móvel e engenheiros com equipamentos de travessia de rio os acompanhavam para facilitar seu avanço, e caças-bombardeiros e helicópteros de ataque forneciam poder de fogo adicional. Para reduzir sua vulnerabilidade, podiam espalhar-se até que estivessem prestes a atacar, sendo acompanhados ao mesmo tempo por uma grande quantidade de mísseis superfície-ar para protegê-los contra os ataques aéreos da Otan.

A tarefa principal desses OMGs era penetrar no interior da Alemanha Ocidental para abalar o comando e controle das forças da Otan e apossar-se dos estoques nucleares restantes, campos de aviação e principais pontos logísticos. Forças Especiais transportadas por via aérea além das linhas de frente da Otan os ajudariam com essas tarefas. Outros OMGs cercariam as principais unidades da Otan, mas o faziam bem

“Pela primeira vez em minha carreira, sinto realmente que estou conseguindo entrar na cabeça do meu adversário.”

—General Bernard Rogers, 1981

mais rápido que as forças soviéticas teriam sido capazes de fazer nos anos 70. A intenção era que as forças soviéticas alcançassem o Canal em menos de 20 dias — e sem utilizar armas nucleares.

Em comparação com a Otan, as forças convencionais soviéticas nunca haviam parecido estar tão bem, especialmente nos filmes de propaganda cuidadosamente editados que se seguiram. Publicamente, os líderes soviéticos começaram a proclamar que haviam aperfeiçoado a estrutura e os métodos das suas forças a ponto de poderem vencer uma guerra na Europa com armas convencionais apenas.

Havia muito a ser feito, porém, antes que as forças soviéticas pudessem concretizar o conceito de Ogarkov plenamente. “Os observadores experientes sabiam”, indica Ruiz-Palmer, “que cada parte dessas manobras havia sido cuidadosamente ensaiada e coreografada. Quase todos os participantes eram oficiais e graduados, não soldados comuns. Não seria dessa forma em uma operação militar; era propaganda militar em sua melhor forma.”¹⁸

A Reação Americana Inicial

Contudo, a Otan não estava disposta a deixar o assunto de lado. No final de 1981, apenas três meses depois do Zapad-81, o general Bernard Rogers, comandante supremo aliado na Europa na época, assistiu a uma apresentação pessoal e ultrassecreta em seu quartel-general em Mons, na Bélgica. Os apresentadores eram os dois analistas da Agência de Inteligência de Defesa que mais conheciam os planos de Ogarkov. Ao terminarem de fazer a exposição, Rogers aparentemente lhes disse: “Pela primeira vez em minha carreira, sinto realmente que estou conseguindo entrar na cabeça do meu adversário.”¹⁹ O general Rogers logo se deu conta de que a Otan tinha muito a aprender com Ogarkov.

Enquanto a Otan se organizava, Ogarkov enfrentava problemas. Quase ao mesmo tempo em que o general Rogers recebia as informações, o marechal Dmitri Ustinov, o ministro da Defesa soviético, dizia aos colegas do Pacto de Varsóvia que o equilíbrio de poder entre ele e a Otan “não estava em nosso favor naquele momento”.²⁰ Sua declaração refletia um declínio súbito e acentuado na confiança soviética.

Um importante fator era, sem dúvida, a ascensão do Movimento Solidariedade, liderado por Lech Walesa, na Polônia. Mesmo depois da imposição da lei marcial em 13 de dezembro de 1981, a Polônia não podia ser considerada uma aliada confiável. Para piorar a situação, quando Moscou soube que Kuklinski havia desertado para os Estados Unidos, Ogarkov teve de encarar o fato desagradável de que seus novos planos de guerra não eram mais secretos.

Transformando a Batalha

A mudança de perspectiva do marechal Ustinov provavelmente resultou também de

uma avaliação completa da nova “revolução em questões militares” — uma revolução na qual os americanos colocavam a concorrência além do alcance dos soviéticos — desde a eletrônica até o campo da microeletrônica.²¹

A Inteligência militar soviética não teria tido grande dificuldade em obter cópias dos folhetos que as empresas contratadas de Defesa americanas estavam utilizando para convencer as forças militares que as armas “assault breaker” de segunda geração eram bem mais eficazes que as da primeira.

Esses folhetos, que continham muita propaganda, baseavam-se, em grande parte, em um filme produzido em 1979, que mostrava aviões lançando “sub-bombas”, cujos sensores de busca de alvo pelo calor permitiam que mirassem carros de combate com um efeito devastador. O filme, porém, era uma versão habilmente editada do primeiro teste das novas armas, realizado um ano antes. Cada uma das “sub-bombas” era feita à mão e custava uma fortuna. Foram suspensas em cabos sobre um desfiladeiro diretamente sobre fileiras de carros de combate que não se moviam. Contudo, elas, de fato, funcionavam. A Inteligência militar soviética provavelmente também sabia que os americanos estavam testando helicópteros que podiam identificar objetos em movimento a uma distância de até 40 quilômetros atrás da linha de frente.²²

Além disso, previa que, dentro de dois anos, os americanos colocariam em serviço mísseis de cruzeiro com um alcance de 2.500 km, que poderiam destruir alvos fortificados anteriormente vulneráveis apenas a um ataque nuclear. Isso exporia todo o território do Pacto de Varsóvia a um rápido ataque convencional a partir do início das hostilidades.

Embora a Inteligência militar soviética pareça ter superestimado totalmente o ritmo com que a Otan lançaria a nova munição “assault breaker”, não era um erro ruim — a mensagem principal era que a União Soviética encarava um desafio ao qual não podia adequar-se.

No final de 1982, o marechal Ustinov se referia de forma um tanto reticente a “problemas e

dificuldades não resolvidos” no desenvolvimento da economia soviética.²³ Era mínima agora a possibilidade de que Ogarkov adquirisse as armas extremamente caras de que precisava para vencer: os mísseis precisos com ogivas convencionais, que poderiam fechar campos de aviação da Otan e destruir suas instalações nucleares; e os aviões de alto desempenho, que confeririam a superioridade aérea aos soviéticos desde o início da guerra.

Três meses depois, o presidente Reagan atingiu um ponto nevrálgico dos soviéticos. Em 23 de março de 1983, lançou sua Iniciativa de Defesa Estratégica (mais conhecida popularmente como “Star Wars” ou “Guerra nas Estrelas”). Instou os cientistas a tornarem os mísseis nucleares “impotentes e obsoletos” com o desenvolvimento de uma rede impenetrável de sistemas terrestres e espaciais que pudessem destruir mísseis em voo.²⁴ Muitos nos Estados Unidos eram céticos quanto à viabilidade dessa iniciativa, mas os líderes soviéticos temiam que ela pudesse ter êxito. Ficaram realmente abalados com as implicações estratégicas de uma transferência da corrida armamentista para o espaço.

Logo depois da declaração de Reagan, uma grande revelação sobre a fraqueza da União Soviética surgiu durante uma conversa que o marechal Ogarkov teve com um antigo controlador de armas americano. Ogarkov disse a ele: “Nos Estados Unidos, até crianças pequenas brincam com computadores... Por motivos que você conhece bem, não podemos fazer que os



Foto da Casa Branca

O presidente Ronald Reagan discursa à nação sobre a Segurança Nacional (discurso sobre a Iniciativa de Defesa Estratégica), a partir do Salão Oval na Casa Branca, 23 de março de 1983.

computadores se tornem amplamente disponíveis em nossa sociedade. Nunca alcançaremos vocês em armas modernas até que tenhamos uma revolução econômica. A questão é se podemos ter uma revolução econômica sem uma revolução política.”²⁵

O pior ainda estava por vir. Em setembro de 1983, as forças de defesa aérea soviéticas derrubaram um avião de passageiros da Coreia do Sul que havia penetrado o espaço aéreo soviético. A defesa estridente dessa ação por Moscou reduziu a considerável oposição na Europa ao lançamento de mísseis Pershing II e de cruzeiro pela Otan para compensar os SS-20s da União Soviética. Isso era péssimo para Moscou, já que os soviéticos temiam que os Pershing IIs pudessem alcançar a cidade em menos de dez minutos, o que não daria à liderança soviética tempo para retaliar. Da mesma forma, os radares soviéticos teriam considerável dificuldade em detectar os mísseis de cruzeiro que acompanham o terreno. Os primeiros mísseis chegaram à Europa Ocidental em novembro de 1983.²⁶

No nível operacional, a Otan começava a virar a mesa em relação aos soviéticos. No início dos anos 80, o Exército dos EUA na Europa havia passado da doutrina de “defesa ativa” para a de “batalha ar-terra”, que envolvia a coordenação

...a dor de ver seus comandantes humilhados por um afegão nas planícies da Alemanha foi mais do que compensada pelo novo entendimento que adquirira em relação ao pensamento soviético.

estreita de forças terrestres e aéreas. Enquanto isso, o general Nigel Bagnall, ilustre historiador militar, voltou para a Alemanha para comandar o Corpo de Exército britânico. Bagnall acreditava firmemente que os fracos poderiam derrotar os

fortes, dedicando bastante tempo para mostrar aos que estavam sob o seu comando como isso podia ser feito.²⁷

Em seu esforço para achar uma forma de impedir a ofensiva soviética, Bagnall recebeu valiosa ajuda de uma fonte inesperada. O coronel Ghulam Dastagir Wardak havia estudado na Academia de Estado-Maior Voroshilov, em Moscou, em meados dos anos 70, onde havia feito, secretamente, anotações de curso detalhadas em uma escrita afegã desconhecida. Depois da invasão de seu país pelos soviéticos, o coronel Wardak entrou em contato com os americanos no Paquistão. Suas anotações foram de grande valia para a Otan, mas o mais importante é que Wardak havia sido treinado como oficial soviético e pensava e lutava como tal.

Em 1983, o general Bagnall convidou Wardak a comandar um Exército soviético completo em um jogo de guerra que realizava em seu quartel-general.²⁸ Para o espanto dos britânicos, Wardak imediatamente lançou uma divisão inteira em um ataque quase suicida contra sua linha de frente fortemente defendida. Os britânicos reagiram com o emprego de suas reservas. Enquanto estavam imobilizadas, outras divisões sob o comando de Wardak passaram facilmente pelas forças belgas mais fracas ao sul e pelas holandesas ao norte, não só cercando toda a força britânica, como também a alemã.

Para Bagnall, a dor de ver seus comandantes humilhados por um afegão nas planícies da Alemanha foi mais do que compensada pelo novo entendimento que adquirira em relação ao pensamento soviético. De fato, essa experiência reforçou a convicção de Bagnall que, para derrotar uma ofensiva soviética extremamente coordenada, a Otan não só precisaria de uma defesa bem coordenada, como também da capacidade de lançar poderosas contraofensivas.²⁹ Ao assumir o comando do Grupo de Exércitos do Norte em 1983, Bagnall trabalhou estreitamente com os oficiais mais antigos alemães e franceses, que pensavam de forma parecida, para desenvolver uma abordagem extremamente inovadora e flexível para impedir uma ofensiva soviética.

A autoconfiança da Otan continuou a crescer à medida que os americanos demonstraram que, em apenas dez dias, seriam capazes de enviar cinco divisões adicionais por via aérea para unir-se aos

seus equipamentos, que estariam prontos e à sua disposição na Europa,³⁰ o que representava um acréscimo impressionante à capacidade da Otan.

O Ponto da Virada — 1985

Ao tornar-se o líder soviético em março de 1985, Mikhail Gorbachev levou adiante a abordagem inovadora quanto às relações Leste-Oeste que ele já havia indicado durante suas famosas conversas com a primeira-ministra Margaret Thatcher em Londres, em dezembro de 1984. Queria, disse

O general Rogers decidiu, no outono de 1987, minar a confiança soviética organizando os maiores e mais inovadores exercícios jamais realizados pela Otan.

ele, ver os arsenais nucleares e convencionais de ambos os lados serem radicalmente reduzidos.

Dentro do Politburo, havia uma consciência cada vez maior dos problemas econômicos do país. Como expresso mais tarde pelo marechal Akhromeyev, “A União Soviética não podia continuar o confronto com os Estados Unidos e com a Otan depois de 1985. Os recursos econômicos para tal política haviam sido praticamente esgotados.”³¹

Esse era um dos motivos pelos quais Gorbachev ficara tão satisfeito. Em dezembro de 1984, pouco antes de sua morte, o marechal Ustinov, ministro da Defesa, havia rebaixado de função o marechal Ogarkov. Gorbachev detestava o marechal Ogarkov, principalmente por que este último queria investir ainda mais dinheiro na renovação das forças convencionais soviéticas em preparação para uma guerra que o primeiro estava determinado a evitar.³²

Nas capitais ocidentais, porém, havia considerável suspeita sobre as verdadeiras intenções de Gorbachev. A Otan prosseguiu com seus planos para fortalecer a aliança. Uma das grandes melhorias ocorreu em 1985, quando a Otan adotou a doutrina de ataque de forças

sequenciado (*follow-on forces*).³³ Pela primeira vez, o comandante supremo aliado na Europa podia coordenar ataques convencionais em toda a Alemanha Oriental e dentro da Polônia.

A transformação ocorrida no Grupo de Exércitos do Norte da Otan havia aumentado consideravelmente a capacidade de organizar tais ataques. Desde que Bagnall assumira o comando, em 1983, as forças britânicas, holandesas, belgas, alemãs e americanas no grupo haviam sido treinadas para combater como um só Exército, que pudesse explorar sua maior flexibilidade, concentração de forças e capacidade de surpreender. Bagnall continuou dizendo aos seus comandantes que não seguissem suas ordens, mas que tomassem sua própria iniciativa.³⁴

O ataque de forças sequenciado e a abordagem de Bagnall em combater os soviéticos estavam intimamente ligados à força que a “revolução em questões militares” da Otan vinha ganhando. Isso oferecia um marco intelectual para adaptar a tecnologia americana mais moderna às realidades do campo de batalha europeu. A principal tarefa era interromper a ofensiva das forças blindadas soviéticas e fechar os campos de aviação de onde se originava o apoio aéreo.

Um avião da Otan podia destruir até cem alvos a mais com os novos tipos de arma “assault breaker” do que com os tipos anteriores de munição convencional. Mesmo assim, a seleção de alvos eficiente continuava sendo essencial, já que um ataque inicial por membros do Pacto de Varsóvia, por si só, poderia incluir até 40 mil carros de combate, viaturas blindadas de transporte de pessoal e sistemas de artilharia.

Ted Warner, um especialista em Defesa que mais tarde assumiu o cargo de subsecretário de Defesa para estratégia, enfatizou: “Uma das maiores inovações era o que se podia chamar de ‘ataque de reconhecimento’.”³⁵ A Otan estava desenvolvendo um avião de reconhecimento, o J-STAR, que podia identificar alvos no terreno a uma distância de até 250 km. Uma vez que o J-STAR ou outra aeronave identificasse um alvo, computadores de alta potência podiam, então, localizar aviões já em voo, que tivessem a munição certa e estivessem por perto, e passar-lhes as coordenadas para o ataque.

Pela primeira vez, os americanos começavam a obter a vantagem — não na defesa, mas no ataque.

Mantendo a Pressão

Na reunião de cúpula em Reykjavik em novembro de 1986, os presidentes Reagan e Gorbachev tinham perspectivas parecidas quanto à necessidade de profundos cortes em mísseis nucleares. Houve um impasse, porém, quando Reagan não concordou em vincular os cortes a firmes restrições ao desenvolvimento de armas para a Iniciativa de Defesa Estratégica ou “Star Wars”, como era mais conhecida.

Apesar desse contratempo, Gorbachev continuava a sentir a necessidade de achar uma forma de prosseguir.³⁶ No início de 1987, ele decidiu quebrar o gelo e concordou com a negociação de um tratado separado sobre forças nucleares de alcance intermediário, sem qualquer pré-condição relativa a restrições à Iniciativa de Defesa Estratégica.

A disposição de Gorbachev de eliminar os mísseis SS-20 simbolizava sua rejeição à estratégia de Ogarkov. Afinal, os mísseis SS-20 haviam tornado possível a estratégia de Ogarkov em primeiro lugar e, em seguida, ameaçado a segurança soviética ao provocar a Otan, levando-a a lançar mísseis Pershing II e de cruzeiro.

O ministro da Defesa soviético... lamentou que o Ocidente houvesse desenvolvido capacidades de guerra eletrônica às quais a União Soviética simplesmente não podia se equiparar.

Em 28 de maio de 1987, Mathias Rust, um alemão ocidental de 19 anos, percorreu mil quilômetros dentro do espaço aéreo da União Soviética em um avião leve Cessna e aterrissou bem na Praça Vermelha, perto do escritório de Gorbachev no Kremlin — sem que ninguém tentasse impedi-lo. Naquele mesmo dia, em uma reunião em Berlim Oriental, os líderes do Pacto de Varsóvia pediram por reduções em forças armadas convencionais e em armamentos até

um nível que impedisse ataques de surpresa e “operações ofensivas em geral”.³⁷ Gorbachev logo tirou partido do incidente com Rust para demitir o ministro da Defesa e vários oficiais de alto escalão, fazendo, assim, com que ficasse mais fácil para ele levar adiante a reforma da estratégia soviética na Europa.

Apesar desses sinais de flexibilidade de Moscou, o general Rogers decidiu, no outono de 1987, minar a confiança soviética organizando os maiores e mais inovadores exercícios jamais realizados pela Otan. No norte da Alemanha, o conceito do general Bagnall de utilizar grandes reservas blindadas para lançar um contra-ataque contra um avanço soviético foi testado no exercício *Certain Strike*, que envolveu quase 80 mil homens, sendo 35 mil deles trazidos de avião dos Estados Unidos.³⁸ Pela primeira vez, todas essas forças, de cinco países diferentes, estavam sob o comando do Grupo de Exércitos do Norte da Otan, e não sob seus respectivos comandantes nacionais.

A França contribuiu com 20 mil soldados para um exercício semelhante no sul da Alemanha, chamado *Bold Sparrow*. Esse foi o maior contingente francês de todos os tempos a ser enviado para a Alemanha em apoio à Otan — e foi a primeira vez que a nova *Force d'Action Rapide* da França atravessou o rio Reno.

Depois da assinatura do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário na Reunião de Cúpula em Washington, em dezembro de 1987, houve considerável euforia no Ocidente. Não só muitas pessoas afirmavam que a Guerra Fria tinha praticamente acabado, mas um número cada vez maior de políticos exigia um “dividendo de paz” baseado em cortes imediatos e unilaterais nos gastos em Defesa do Ocidente, sendo a economia obtida redirecionada para lidar com questões econômicas e sociais urgentes.³⁹

Essa possibilidade alarmou vários líderes ocidentais e seus assessores militares, que apontavam que a escalada do Pacto de Varsóvia continuava e que ele tinha uma enorme preponderância de forças convencionais na Europa. Cessar a própria escalada há muito planejada da Otan, na qual a organização havia investido enormes quantias e capital político, deixaria a aliança em séria desvantagem se a União Soviética rejeitasse a abordagem de

Gorbachev e as relações se tornassem hostis mais uma vez. A Otan também estava ansiosa em ver cortes profundos de forças soviéticas no Leste Europeu, para que aqueles países tivessem uma melhor chance de reconquistar sua liberdade.

Xeque-Mate

Com os gastos militares ainda em ascensão, Gorbachev disse aos colegas, em fevereiro de 1988: “Está claro agora que, sem cortar os gastos militares de forma significativa, não poderemos resolver os problemas da perestroika.”⁴⁰ A questão fundamental que Gorbachev tentava resolver com urgência dizia respeito ao tamanho dos cortes que ele queria — e se ele achava que os militares os aceitariam.

Alguns meses depois de *Bold Sparrow*, revistas militares soviéticas secretas publicaram artigos que alertavam que a nova tecnologia ameaçava tornar os carros de combate obsoletos. O ministro da Defesa soviético, o marechal Dmitri Yazov, contribuiu para aumentar a depressão dos colegas ao lamentar que o Ocidente houvesse desenvolvido capacidades de guerra eletrônica às quais a União Soviética simplesmente não podia se equiparar. Essa era provavelmente uma referência a informações de um agente americano, que trabalhava tanto para os alemães orientais quanto para os soviéticos, que os Estados Unidos poderiam agora inserir mensagens falsas nas redes de comunicação do Pacto de Varsóvia — o que poderia ter consequências desastrosas em tempo de guerra.

Na primavera de 1988, os membros do Pacto de Varsóvia organizaram seu primeiro exercício de larga escala puramente defensivo, seguido de uma contraofensiva limitada de três semanas, que cessava depois que as forças da Otan eram expulsas do Leste Europeu. “Esse período”, disse o marechal Akhromeyev, “teria proporcionado aos líderes de ambos os lados tempo suficiente para terminar a guerra”.⁴¹

Pouco depois de assumir o comando de todas as forças da Otan na frente central, o general Hans-Henning Von Sandrart emitiu a primeira “Orientação Operacional para a Região Central”.⁴² Esse documento reunia os principais elementos da nova e dinâmica estratégia. A Otan mais uma vez enfatizou a mensagem de sua crescente superioridade em habilidades de combate.

Naquele outono, a Otan realizou o *Reforger 88*, o maior exercício que já havia conduzido, envolvendo mais de 120 mil homens. Nele, a Otan testou tanto as suas novas ideias quanto os novos equipamentos.

Os líderes da Otan sentiram que finalmente estavam com a vantagem. Haviam admirado Ogarkov por pensar grande e coordenar suas operações em um enorme teatro de operações militares. Agora, haviam mostrado que não só podiam responder de forma semelhante, como também tinham a capacidade de derrotar forças muitos maiores que as suas próprias. Como disse Diego Ruiz-Palmer de maneira vívida, “Em termos militares, essa era uma execução pública do marechal Ogarkov fora do quartel-general da Otan.”⁴³

Desejo de um Progresso Rápido

Embora o trabalho avançasse bem no Tratado de Redução de Armas Estratégicas, estava claro que o Senado não estaria disposto a ratificá-lo até que concordassem com grandes cortes nas forças convencionais na Europa, sendo as negociações sobre eles programadas para serem retomadas em Viena, em março de 1989. Gorbachev não se opôs a isso porque, como parte dos seus esforços de construir um novo relacionamento com a Europa Ocidental, ele também queria tal acordo. Igualmente importante, os cortes profundos nas forças convencionais liberariam mais recursos para a economia soviética que os cortes em mísseis nucleares estratégicos.⁴⁴

Em seu discurso histórico em Westminster College, em Fulton, Missouri, em 1946, Winston Churchill falou da Cortina de Ferro que havia cortado a Europa no meio. Ao proferir seu primeiro discurso às Nações Unidas, em dezembro de 1988, Gorbachev queria mostrar que ele agora estava levantando aquela cortina.

Em seu discurso, Gorbachev primeiro enfatizou a importância dos interesses mundiais da humanidade. Em seguida, fez a declaração dramática de que, ao longo dos dois anos seguintes, as forças soviéticas sofreriam um corte de 500 mil homens e seis de suas divisões blindadas no Leste Europeu seriam dissolvidas.⁴⁵ Moscou, ele assegurou aos espectadores, não empregaria a força contra o Leste Europeu ou qualquer outro lugar. Gorbachev foi aplaudido de pé.

Como Anatoly Chernayev, seu assessor de Relações Exteriores, falou-me mais tarde: “Gorbachev queria causar uma sensação — e conseguiu.” Também pegou a sociedade americana de surpresa, embora o secretário de Estado Shultz recordasse mais tarde que achava que “se alguém declarou o fim da Guerra Fria, foi [Gorbachev] naquele discurso: acabou”.⁴⁶

Poucos líderes ocidentais foram tão longe quanto Shultz, em público ou em particular, mas a maioria aceitou que Gorbachev agisse rapidamente para tratar de algumas questões contenciosas que restavam da Guerra Fria. Os grandes cortes unilaterais nas forças convencionais soviéticas que ele havia anunciado colocariam a Otan e o Pacto de Varsóvia em pé de igualdade.

O ganho imediato era que, quando as negociações sobre a redução das forças convencionais na Europa fossem retomadas em Viena, em março de 1989, haveria agora a esperança de um verdadeiro avanço. Pela primeira vez, era provável que a União Soviética apresentasse dados confiáveis sobre a quantidade de soldados e equipamentos que teria na Europa depois que os cortes unilaterais anunciados fossem implementados. Isso proporcionaria um quadro realista, com base no qual os dois lados poderiam discutir cortes profundos e rápidos.

Em um ano, o Muro de Berlim caiu, e a tão sonhada unificação da Alemanha logo se tornou realidade. Quando o tratado sobre forças convencionais foi celebrado em Paris, em 19 de novembro de 1990, o ministro da Defesa soviético, o marechal Yazov, não pôde conter sua fúria. Reclamou aos colegas: “Esse tratado significa que perdemos a Terceira Guerra Mundial sem que um tiro fosse disparado.”⁴⁷ Os críticos de Gorbachev vinham conquistando o apoio popular e, em pouco mais de um ano, ele sairia do poder.

Embora eu não tenha dúvida alguma de que Gorbachev quisesse reduzir as forças nucleares e convencionais, não acredito que os cortes teriam sido tão profundos ou acontecido tão rápido se a Otan não tivesse executado a estratégia bem pensada que acabo de descrever. Além disso, proponho que a estratégia da Otan contribuiu fundamentalmente para a unificação da Alemanha, liberando o Leste Europeu e terminando a Guerra Fria.

Ao refletir sobre a Guerra Fria depois que ela terminou, um oficial de alto escalão da Inteligência militar soviética afirmou: “Os americanos nos derrotaram não só porque tinham mais carros de combate, mas porque tinham mais ‘laboratórios de ideias’.”⁴⁸ A questão não era tão simples assim, mas ele estava certo ao ressaltar o poder do pensamento cuidadoso, especialmente em questões de estratégia. **MR**

REFERÊNCIAS

1. BARASS, Gordon S. *The Great Cold War: A Journey Through the Hall of Mirrors* (Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2009), p. 193.
2. NATO Ministerial Communiqué, 14 de dezembro de 1967.
3. Barass, p. 429.
4. *Ibid.*, p. 198.
5. *Ibid.*
6. *Ibid.*, p. 268.
7. *Ibid.*, p. 198; U.S. Army Field Manual 100-5, *Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1976).
8. *Ibid.*, pp. 267-268.
9. *Ibid.*, pp. 198-199.
10. *Ibid.*, p. 199.
11. *Ibid.*, p. 195.
12. *Ibid.*, p. 208.
13. *Ibid.*, pp. 212-213.
14. *Ibid.*, pp. 213-214.
15. *Ibid.*, p. 216.
16. *Ibid.*, p. 215.
17. *Ibid.*, p. 216.
18. *Ibid.*, p. 267.
19. *Ibid.*, pp. 273-274.
20. *Ibid.*, p. 274.
21. *Ibid.*, pp. 274-275.
22. *Ibid.*, p. 276.
23. *Ibid.*, pp. 292-293.
24. *Ibid.*, p. 293.
25. *Ibid.*, p. 302.
26. *Ibid.*, p. 270.
27. *Ibid.*, pp. 270-2.
28. *Ibid.*, p. 272.
29. *Ibid.*, p. 339.
30. *Ibid.*
31. *Ibid.*
32. *Ibid.*
33. *Ibid.*, p. 273.
34. *Ibid.*, p. 338.
35. *Ibid.*, p. 339.
36. *Ibid.*, p. 328.
37. *Ibid.*, p. 342.
38. *Ibid.*, p. 339.
39. *Ibid.*, p. 342.
40. *Ibid.*, p. 343.
41. *Ibid.*
42. *Ibid.*, p. 341.
43. *Ibid.*
44. *Ibid.*, p. 342.
45. *Ibid.*, p. 347.
46. *Ibid.*
47. *Ibid.*, p. 365.
48. *Ibid.*, p. 410.